

Quem Foi São Patrício? Uma Reflexão sobre algumas Representações acerca deste Santo.

Dominique Vieira Coelho dos Santos

Graduando em História pela UFG
srodomeniko@yahoo.com.br

Resumo

Existem várias representações acerca de São Patrício. Neste artigo, há algumas que pretendemos mostrar, seguindo a questão: Quem foi São Patrício? Nós tentaremos respondê-la pensando sobre um Patrício histórico em contraste com um São Patrício mitológico lutando com os druidas do rei Logaire e promovendo a expulsão das “serpentes” da Irlanda. Para isso é necessário pensar também sobre a importância de São Patrício e sobre o seu credo. Nós fazemos isso a partir de sua Confissão.

Palavras-chave: São Patrício, Representações, Mito.

Abstract

There are various representations about Saint Patrick. In this article, there are some that we want to show following the question: Who was Saint Patrick? We will try to answer this question thinking about a historical Patrick contrasting with the mitological Saint Patrick fighting with the druids of the king Logaire and to promoting the expulsion of the "snakes" of the Ireland. Thus, it is also necessary to think about the importance of Saint Patrick and his beliefs. We do this by using his confession.

Keywords: Saint Patrick, Representations, Myth.

Patrício: anacronismos, mitos e referências aos “milagres”

O Patrício apresentado na literatura, na iconografia e na hagiografia não é o Patrício histórico, principalmente o que percebemos dele próprio em sua confissão. Este patrício mitológico é o que luta com os druidas do rei Logaire, fazendo um deles morrer batendo com a cabeça em uma pedra; que usa um trevo para explicar aos celtas os mistérios da Trindade; que converte todo um país e que expulsa as serpentes da Irlanda.

Vamos conhecer um pouco mais acerca dessas representações, em fontes irlandesas ou não, sobre Patrício. Existem diversos textos medievais que relacionam esse sucesso em evangelizar a Irlanda com supostos “milagres” feitos por Patrício. “Milagres” para admoestação, conversão, exemplos, etc. Destes, destacamos três: *Legenda áurea*, *Vita Patricii* e *Purgatorium Sancti Patricii*. Examinemos então cada relato.

“Certa vez chegou Patrício onde se reuniam os chefes druidas para fazer um de seus rituais, o rei daquele lugar ficou ofendido ao ver seu território profanado por ele, e não gostando de sua presença ali, mandou que dois dos druidas viessem ao seu encontro, *Ercc* filho de *Degeo* e um outro chamado *Lochru*, este olhava com atrevimento para o santo, e era insolente em sua presença, depreciando a fé católica com palavras de ira. Mas olhando para ele turvamente e com autoridade, assim como um dia fez Pedro com Simão mago, Patrício fervorosamente clamou com um grande brado: Oh senhor! Tu que pode todas as coisas e que tudo constituís pelo teu poder, o senhor que me mandou aqui, faça com que este ímpio que blasfema o seu santo nome seja arremessado daqui imediatamente e seja morto. Tendo ele dito isto, o mago foi arremessado ao ar e novamente do alto, lançado com a cabeça em uma pedra e foi despedaçado e morto na presença dos pagãos e eles temeram.” (*Vita Patricii*, XVII).

O nome de Patrício é usado por místicos, pagãos, cétricos, pelagianos, anti-pelagianos, católicos, batistas, anabatistas, entre outros. No texto acima, por exemplo, Patrício é mencionado como católico. E o trecho em questão, escrito por Muirchu, aponta como principal mensagem o confronto de duas formas de fé: a dos druidas do rei Logaire e a de Patrício. Possivelmente, a intenção é a de mostrar a força da nova religião sobre as antigas crenças. O que também está presente é uma depreciação de tudo o que é relacionado à crença dos druidas. Ao vencer o fogo do paganismo “bárbaro” decretava-se de uma vez por todas a vitória do fogo do cristianismo. Isso é o que acreditava Muirchu já no século VII. E já existe também, neste período, a reivindicação católica do nome de Patrício que em sua confissão jamais fez menção a essa palavra, ou a Roma, ou outras coisas mais que dessem a entender que ele estivesse ligado ao catolicismo.

As versões católicas desse texto apresentam um Patrício ainda mais poderoso. No texto de Muirchu, ele nos conta que os druidas é que foram ao encontro de Patrício para requerer satisfações sobre profanação de território. Em algumas versões posteriores, é o próprio Patrício que vai até os druidas e propõe desafios a eles, sempre os vencendo em nome de Deus. Se o druida vem contra ele, este é paralisado e seu braço vira pedra, dentre outras coisas mais. Uma das versões católicas do texto de Muirchu supracitado conta que Patrício desferiu um duro golpe contra o druidismo quando interrompeu o fogo de Logaire, o supremo monarca da Irlanda, em Tara. Isso aconteceu, segundo esta versão, quando druidas investiram contra Patrício com toda a força de seus encantamentos. Esses mágicos teriam feito uma nuvem negra aparecer para Patrício, que com uma oração a dissipou. Não satisfeitos, um deles se elevou ao ar e veio em

direção a Patrício que, com uma oração, fez com que ele caísse e morresse. Em outra versão da mesma narrativa é mencionado que o druida “elevou-se ao ar como um pássaro”. Segundo a sugestão de alguns autores, isso não procede, pois falar de um alto-rei na Irlanda do século V é um anacronismo. Outros argumentam que se Patrício tivesse um dia encontrado o rei Logaire e isso tivesse sido algo importante estaria na sua confissão (Hanson. 1968: 26-28).

O texto de Jacopo também contém exemplos desses milagres que Patrício teria feito, para convencer os irlandeses a assumir fé católica. Sempre o final é o mesmo: Patrício usa suas artimanhas e contatos com o supremo Deus para conseguir apresentar-se de forma vitoriosa com relação a todos os obstáculos que enfrenta. Vejamos então o que é dito sobre Patrício na *Legenda Áurea*:

(...) “Um homem tinha roubado do vizinho uma ovelha, que comeu, e o santo homem exortou o ladrão, quem quer que fosse, a ressarcir o prejuízo, mas ninguém se apresentou. No momento em que todo o povo estava reunido na igreja, em nome de Jesus Cristo ele ordenou que a ovelha desse um balido dentro da barriga daquele que a comera. Assim aconteceu, o culpado fez penitência e dali em diante todos trataram de não roubar mais”.

(...) “Patrício, que viveu por volta do ano do Senhor de 280, estava de pé pregando a paixão de Cristo ao rei dos *escotos*, e apoiava-se no báculo, cuja ponta involuntariamente furou o pé do rei. Acreditando que o santo bispo fazia aquilo de propósito porque não se poderia receber a fé em Cristo sem sofrer, o rei suportou pacientemente a dor. Por fim o santo percebeu, ficou estupefato, e logo rezou para curar o rei e obter para todo o país o privilégio de nenhum animal venenoso poder ali viver. Não foi a única coisa que obteve, pois, segundo se diz, a madeira e a casca das árvores daquela região servem de remédio contra venenos” (...) (*Legenda Áurea*, 307).

Este texto data do século XIII, neste período já estamos diante de um santo católico chamado Patrício. Seu nome é aqui invocado como um exemplo a ser seguido. Está agora ligado a repreensões de conteúdo moral. Nestas homilias¹, o agora São Patrício, aparece como o fazedor de milagres, um detentor de esferas do sagrado. Isso lhe confere o direito de dar ordens em nome de Cristo e de ser atendido em seus desejos. Neste momento, ele também já é o grande evangelizador dos escotos e cultuado em grande parte da Europa.

Um último exemplo dessas exaltações, milagres e invenções é o purgatório de São Patrício. Segundo este texto, Patrício andava evangelizando, sem grande sucesso, os irlandeses recalitrantes e tentava convertê-los pelo temor do inferno e a atração do paraíso. Jesus mostrou-lhe num local deserto um buraco redondo e escuro e disse-lhe que se alguém animado de um verdadeiro espírito de penitência e fé passasse um dia e uma noite naquele buraco, lá seria purgado de todos os seus pecados e poderia ver a tortura dos maus e as alegrias dos bons. Patrício apressou-se a construir uma igreja ao lado do buraco. Muitos penitentes fizeram a passagem (*Sancti Patricii Purgatorium* apud: Le Goff, 1993: 230). Em seu livro *O Nascimento do Purgatório*, Jacques Le Goff diz que estes dados não passam de uma invenção. Segundo ele, este texto pode ser considerado como o nascimento literário do purgatório e a primeira referência ao purgatório enquanto um lugar. Este texto será posteriormente utilizado na composição do purgatório dantesco. Não existe qualquer texto anterior ao século XII que mencione o purgatório como lugar. Para Patrício esta idéia também é desconhecida. Dizer que ele falou sobre isso é um anacronismo sem fim. Na sua obra, Patrício fala apenas em terra, céu e inferno (*Confessio*, 4). Podemos afirmar que o único livro utilizado, e

amplamente citado por Patrício, é a Bíblia (O'Mathúna,1992). Não há nela qualquer menção ao *Purgatorium*, não sendo possível a Patrício falar sobre essas concepções e nem ter propriedade para usar esse conceito tendo vivido no século V.

Um estudo sobre as representações estereotipadas de Patrício não poderia deixar de perguntar: Patrício, foi autor da *Senchus Mor*? Primeiramente, vamos esclarecer o que vem a ser isto e o porquê dessa pergunta. Existe na Irlanda um conjunto de leis escritas em gaélico arcaico. Essas leis foram traduzidas em 1852 em seis volumes e ganharam o título de “As antigas leis da Irlanda”. É comum ver referência a elas como “*Brehon Laws*”. À primeira dessas leis dá-se o nome de *Senchus mor*. E a introdução da *Senchus mor* diz que Patrício é um dos nove autores que escreveram o código completo. Segundo muitos historiadores, o código de leis teria sido escrito no século VII ou VIII. Um outro fator que pode dar segurança a esta afirmação é de que dos quatro manuscritos que hoje temos da *Senchus mor*, somente três deles contém a introdução. A introdução da *Senchus mor* teria sido acrescentada em cópias posteriores já que foi escrita mais ou menos no século VIII, portanto três séculos depois da chegada de Patrício a Irlanda (Klingen,1997). A versão mais antiga da introdução não menciona Patrício como autor, mas a versão mais recente o inclui. Outra questão diz respeito à linguagem da introdução que se difere da linguagem utilizada no restante da *Senchus mor*. Por este último motivo, muitos estudiosos acreditam que a introdução é de um século depois. Assim, quem acrescentou Patrício na introdução da *Senchus mor* talvez quisesse dar mais importância à lei. Pode ser também que talvez quisesse fazer uma ligação religiosa ou histórica da lei com a mística do nome de Patrício.

Várias questões de disputa de identidade, nacionalismo e origens de uma igreja irlandesa estão ligadas ao nome do Santo. No dia 17 de março, dia de São Patrício, é feriado nacional na Irlanda. Milhões de pessoas participam das festividades em homenagem ao santo, em sua maioria, católicos. Os protestantes, que não acreditam em santos, fazem outras reivindicações ao nome de Patrício. Entre as principais se relacionam a tentativa de descaracterizá-lo como católico, pois, somente batizava por imersão, não tinha vínculos com o bispo de Roma e só usava a Bíblia como guia. Existem os que acusam Patrício de ser um exterminador de culturas, dizendo que ele foi o causador do fim do celtismo na Irlanda. Um estudo mais amplo seria necessário envolvendo somente esta questão dos mitos e dos anacronismos que são feitos utilizando o nome de Patrício e as representações que envolvem a sua pessoa. Todavia, cremos que por hora basta para refletir sobre as dificuldades de separar o que é histórico do que é mito quando se trata de Patrício e também o quanto seu nome foi usado para diversos fins dependendo da época e das ideologias presentes.

As menções a Patrício no Brasil

No Brasil, existem algumas referências ao nome de Patrício. A maior delas é a comemoração do dia de São Patrício (17 de março) que acontece em grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro (O'Neil, *undated*). Neste dia, acontecem várias comemorações em homenagem ao santo, organizadas por colônias de irlandeses.

Em seu artigo intitulado “*St. Patrick in Brazil*”, Peter O'Neil menciona a cidade de Ceres, da qual Patrício é o padroeiro, além de um colégio chamado “São Patrício” na Barra da Tijuca no Rio de Janeiro, lugar onde se comemora a cada ano a parada de São Patrício, e também uma igreja dedicada ao santo, que foi construída em 12 de Dezembro

de 1769 pelo Irlandês Lancelot Belford (Dublin 1708 + Maranhão 1775), na cidade de São Luís do Maranhão.

Em visita à cidade de Ceres e ao portal desta cidade na internet, pudemos averiguar que realmente São Patrício é padroeiro da cidade. Ceres fica no estado de Goiás, localizada no vale de São Patrício, onde há um rio com o mesmo nome. Peter cita, em seu artigo, afirmações de um historiador local chamado Zoroastro Artiaga. Segundo Artiaga, o rio recebeu o nome de “Rio São Patrício” por volta de 1733 e por volta do ano 1800 a região passou a ser chamada de vale de São Patrício. Na primeira metade do século XVIII, dois portugueses da ordem dos franciscanos vieram trabalhar na região. “Eles deram o nome de São Patrício ao rio e posteriormente o vale adquiriu o mesmo nome” diz Zoroastro Artiaga. Ainda há, em Ceres, uma estátua de São Patrício. Sabemos que a estátua de São Patrício existe e que ele é padroeiro da cidade de Ceres, sendo neste dia inclusive, feriado municipal.

O Patrício histórico

Falar de um Patrício histórico significa nos afastarmos dos anacronismos mencionados acima com relação a sua imagem e a sua pessoa. Contudo, não queremos negar, excluir ou praticar qualquer ação pejorativa com relação àquelas versões. Nossa pretensão é fazer uma crítica desse tipo de representação e ao mesmo tempo construir uma imagem de um Patrício histórico. Não tentaremos aqui demonstrar um Patrício “tal qual realmente foi”, mas nos aproximarmos de como pode ter sido. É um esforço de construção do passado através de pistas, ou seja, das fontes históricas, documentos que mencionam datas, feitos, lugares, etc. Assim sendo, utilizamos todos os tipos de representações possíveis, dentro de nosso campo de escolhas, para abordar o tema.

Dizer que o Patrício que apresentamos aqui é mais próximo do “real” não significa que seja mais bem representado, e sim que a forma que escolhemos para mostrá-lo é diferente das escolhas que o romance, a mitologia, a Igreja, ou a poesia afirmam. Não implica em uma representação melhor, mas diferente. Há belas representações sobre Patrício, como as que já nos referimos anteriormente. Podemos citar como exemplo a letra de uma canção presente nos palcos de teatro de variedades no século XIX que diz: “*São Patrício era um cavalheiro, descendente de gente nobre*” ou como encontramos em algumas passagens de livros de história mesmo, que trazem coisas do tipo: “*Patrício, o escravo fugitivo, recebe nova convocação: serás São Patrício, apóstolo da nação irlandesa*” (Cahill, 1995: 122).

Neste artigo, partimos de alguns pressupostos que estão ligados ao referencial teórico proposto por Marc Bloch em sua obra *Apologia da História*. Dentre os principais se encontram: 1) Das épocas passadas somente podemos falar através de testemunhas; 2) O conhecimento do passado é indireto; 3) O passado é necessário, mas o conhecimento dele é algo em constante mudança; 4) Os exploradores do passado não são homens inteiramente livres; 5) A necessidade primeira de qualquer investigação histórica bem conduzida é um questionário; 6) Os documentos só falam quando se sabe interrogá-los.

Patrício não foi um santo milagroso como quer a Igreja católica e nem um evangelizador solitário de toda uma ilha, como aparece em algumas reivindicações que temos visto, principalmente em textos divulgados por católicos irlandeses na internet. Já havia cristãos na Irlanda antes de Patrício, pode ser que ele tenha evangelizado uma região da Irlanda, onde ainda não havia convertidos ao cristianismo e por isso afirma

que se atirou no meio de estrangeiros que não conheciam a Deus (Hanson, 1968: 54-56). Quanto a Palladius, nós sabemos que ele foi enviado para a Irlanda e que lá já havia cristãos até mesmo antes dele, o problema é que nada sabemos, além de que, foi enviado pelo Papa Celestino no ano 431 e que foi morto. Não possuímos informações sobre o cristianismo irlandês anterior a Patrício, a não ser o que encontramos na *Confissão* e na *Epístola*.

Os “milagres” mencionados pelos hagiógrafos irlandeses, que tentaram fazer de Patrício um novo Moisés, são propostos a partir de fontes como a *Vita Patricii* de Muirchú. Este escritor do século VII não está de forma alguma isento de intenções que engrandecem o nome de Patrício. É nele que está o confronto de Patrício com o rei Loeghaire de Tara; um Patrício bem sucedido que faz maravilhas e profecias sobre o futuro das pessoas e da Igreja; e o Patrício católico (Hanson, 1968: 78). No caso de outra biografia de São Patrício, escrita por Tirechan, também encontramos esse tipo de imagem. É nesta obra que podemos ler sobre Patrício visitando as Gálias e toda a Itália. Tirechan usa o nome e o significado do culto de Patrício, um santo fundador, para reivindicar a hegemonia de Armagh sobre todos os outros mosteiros da Irlanda, e para instituir os códigos, regras, ordem de funcionamento, e os usos e costumes deste mosteiro (Hanson, 1968: 79). Todas as biografias de São Patrício escritas a partir do oitavo século já usam um Patrício de santidade declarada pela Igreja.

Sabemos que Patrício nasceu na Bretanha, no fim do quarto século, mais ou menos por volta de 390. Era de família possuidora de bens, sendo seu avô presbítero e seu pai diácono. Ele chegou à Irlanda, pela primeira vez, com apenas dezesseis anos, quando foi preso por piratas irlandeses e vendido como escravo a Milliuc, que era bastante cruel e lhe exigia muito em trabalhos. Viveu na Irlanda durante seis anos, sendo um escravo pastor de ovelhas. Ele ainda voltaria a ser cativo uma segunda vez, ficando nas mãos de seus captores por dois meses. Foi por queiro de um rei durante esse período. Tanto é que Patrício tem o sobrenome muito expressivo de *Succet*, que significa “porqueiro” (Mac Neill, 1964: 49 *apud* Le Roux & Guyonvarc’h, 1995: 174). Só depois, então, estaria novamente na Bretanha com sua gente. Após isso, por livre e espontânea vontade, voltou para Irlanda em 432 com propósitos evangelizadores. O método que ele usou para evangelizar os Irlandeses fez com que não houvesse sangue e nem mártires, como em outras partes. Esse método envolvia a pregação diretamente aos reis e a construção de tantos mosteiros, que a Irlanda ficou conhecida como: “Ilha dos Mosteiros”.

Patrício era extremamente humilde, pelo que podemos perceber em sua *Confissão*, Hanson interpreta que toda essa humildade é devida ao trauma da escravidão. Patrício Atribui toda a sua conquista a Deus. Estudos apresentam que Patrício não aprendeu latim no continente e sim na própria ilha, pois o seu latim apresentava várias falhas que fazia diferir do latim estudado no continente (O’Mathúna, 1992). Também sabemos que o livro que seguia era a Bíblia, durante toda a sua argumentação nos seus escritos faz inúmeras citações dela. Quando teve sua autoridade questionada, ele recorreu às escrituras e jamais mencionou qualquer ligação sua com a igreja em Roma ou em outras partes, com a tradição eclesiástica ou concílio. Há muitas referências a Patrício nos anais irlandeses, dizendo que morreu em 493, mas a data parece ter sido criada pelos hagiógrafos medievais. Assim ele morreria com cento e vinte anos, a mesma idade de Moisés (O’Mathúna 1992). Há quem acredite que Patrício morreu por volta do ano 471. No século VIII a Igreja Católica fez do pregador Patrício um santo. O seu corpo só foi encontrado no século XII, especificamente no dia 24 de março de 1185 (Franco Júnior, 2003: 24).

O credo de Patrício

Entendemos por credo um conjunto de crenças que identificam um sistema religioso. Neste caso, estamos falando da maneira como São Patrício enxerga o mundo, Deus, os homens e a si mesmo. Ele deixa transparecer esse conjunto de crenças ao longo da sua confissão. O primeiro ponto a observar é de que ele acredita em um Deus punitivo. Essa idéia se difere da idéia de permissão para provação. É necessário estabelecer uma diferença entre punição e provação.

A primeira palavra é a que para nós se aplica melhor ao discurso de Patrício. Segundo o que diz, Deus fez com que fosse disperso entre pessoas estrangeiras até os confins da terra. “*O Senhor induziu sobre nós a sua cólera*” acrescenta. Foi dessa forma que Patrício foi parar na Irlanda pela primeira vez. O fato de ter sido enviado a um país estrangeiro, ter sua língua vertida em outra, passar fome e frio está relacionado à sua desobediência. Isso aconteceu “*segundo nosso merecimento, por afastarmos de Deus, não guardarmos os seus preceitos*” (Confissão, 1). Note que Patrício estabelece uma relação de troca. Ele foi punido pelo fato de estar afastado de Deus. Concluimos a partir daí que se ele guardasse os preceitos divinos não seria punido, pois não haveria de merecer a pena.

O exemplo claro que temos de provação é o personagem Jó da narrativa bíblica. No caso do mito de Jó, ele não merecia ser punido, provado, tentado ou qualquer coisa do tipo, pois era irrepreensível. Assim sendo, não foi Deus que o colocou em prova, mas permitiu que Satanás o fizesse. A continuação desta narrativa diz que Jó caiu em várias desgraças, foi tentado e humilhado de todas as formas, porém permaneceu fiel a Deus e Satanás não foi capaz de fazê-lo desviar-se dos seus objetivos e crenças. Neste caso, temos a idéia de provação e não de punição e mesmo assim não é Deus o provador e sim Satanás. O máximo que pode ser atribuído a Deus é o papel de cúmplice por permitir a provação de Jó. Então, esse seria o primeiro ponto do credo de Patrício: acreditar em um Deus punitivo e que a todos vigia para segundo o merecimento de cada um aplicar as suas justas penas.

O próximo ponto do credo de Patrício a ser analisado é o referente à oração. Este ponto ocupa um dos lugares centrais na *Confissão* de Patrício e várias vezes ele se refere à oração. Chega a dizer que havia dias que contava centenas delas. Essa era uma das formas de se comunicar com Deus; as outras eram a Bíblia e os sonhos. Orar para Patrício significava falar diretamente com seu Deus. Era por este meio que ele pedia ajuda (*Confissão*, 19); agradecia (*Confissão*, 16). Fica claro que a oração sugere à divindade apenas uma intenção, um pedido. A divindade faz se for de acordo com sua vontade. Durante todo tempo, Patrício se humilha e expressa que tudo quanto faz e sabe é oriundo de Deus. Até mesmo para fazer as orações é necessária a ajuda divina. Segundo ele: “*O Espírito nos auxilia na debilidade de nossas orações, pois não sabemos orar como convém, é ele que intercede por nós com gemidos inexprimíveis, que não podemos narrar, é o Senhor, nosso advogado que intercede por nós*” (*Confissão*, 25).

Algo que merece destaque, também acerca do credo de Patrício, é a confissão que não permite que ele seja encaixado na doutrina do arianismo. Esta foi uma das primeiras heresias cristãs referentes à natureza de Cristo. O seu criador foi o bispo Ário. Segundo esta heresia, Cristo não seria co-eterno com o pai e nem possuiria a mesma substância. Embora esta doutrina tenha sido rejeitada pelo Concílio de Nicéia, no ano de 325, ela se propagou pelo ocidente, tendo conseguido vários adeptos.

Patrício reconhece a divindade da pessoa de Jesus Cristo e acredita que ele é uno com o Pai e também acredita na Trindade. Ele acredita na “*glória de Cristo, nosso*

redentor". Crê que "*somos filhos de Deus e co-herdeiros de Cristo*"; "*destinados a ser conforme sua imagem*"; "*porque reinaremos por meio dele, nele, e por ele*"; "*adoramos o verdadeiro Cristo, que nunca morrerá*"; "*aquele que permanece para sempre, e reina com Deus pai todo poderoso e com o Espírito Santo antes do começo dos tempos, agora e também para sempre*". São muitas as referências da *Confissão* de Patrício que refutam a idéia de que ele poderia ser adepto da heresia ariana.

Sobre a escatologia em Patrício, isto é, como está presente na *Confissão* a doutrina relacionada aos estudos das últimas coisas, devemos dizer que há um final do mundo, ou seja, isto é o destino de toda a humanidade terá um fim. "*No dia do Juízo os homens prestarão contas de cada palavra vã que disseram*" (*Confissão*, 7). Neste dia, Deus será o juiz dos vivos e dos mortos. Irão para o Céu todos que acreditarem na doutrina de Cristo, enquanto que aqueles que não seguirem esta crença irão para o inferno. No credo de Patrício não existe o *purgatorium* (doutrina criada no século XII), somente céu e inferno. Todos hão de comparecer diante do tribunal de Cristo, que a todos irá julgar segundo merecimento e justiça perfeita. Aquele que "*crer e for batizado*" será salvo; aquele que "*não crer, verdadeiramente será condenado*" (*Confissão*, 40). Depois que todos forem conscientes desta sentença e tiverem ouvido a palavra de Jesus Cristo, então virá o fim dos tempos.

Ao longo da confissão de Patrício, percebemos que as doutrinas apresentadas são bastante próximas do que o protestantismo prega e embora a Igreja Católica o reivindique como um santo ligado a seu credo, isso não parece ter muita procedência. O arcebispo Ussher no século XVII tentou estabelecer que o protestantismo fosse um retorno ao caminho de Patrício, tamanha a semelhança das doutrinas (O'Mathúna, 1992). Embora afirmemos que não parece ter muita procedência a reivindicação feita pela Igreja Católica sobre a pessoa de Patrício, não pretendemos aqui defender essa idéia ou criticá-la, isso apenas foi citado para dar sustento a nossa afirmação de que há uma grande semelhança entre as doutrinas protestantes e as doutrinas do credo de Patrício. Isso acontece principalmente quanto à escatologia e à autoridade de um líder máximo, que em Patrício é restrito à pessoa de Jesus Cristo, estendendo-se no máximo para a autoridade da Bíblia. Todo o credo de Patrício se apóia nela. Desta forma, fica a única discussão para o conceito de "graça" que Patrício tem. Nesse sentido é discutida a relação entre a fé e as obras. Este ponto é um dos presentes no debate entre Católicos e protestantes sobre a pessoa de Patrício, mas não entraremos neste tipo de querela. Passaremos ao ponto final, que é a análise do capítulo 4 da *Confissão*, o mais evocado quando se fala das doutrinas de Patrício. Vamos ao texto:

"Porque não há outro Deus, nunca houve antes, nem haverá no futuro, além de Deus pai não gerado, sem princípio, no qual é todo o princípio, quem tudo possui, bem como tem nos sido dito; e seu filho Jesus Cristo, que assim como o pai evidentemente sempre existiu, antes do começo dos tempos em espírito com o pai, inefável criado antes de todo o princípio, e por ele mesmo foi feito todas as coisas visíveis e invisíveis. Ele foi feito homem, subjugou a morte e foi recebido no céu junto do pai, e foi dado a ele todo poder sobre todo nome no céu, na terra e no inferno para que assim toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor e Deus, em quem nós cremos e esperamos o advento de sua iminente volta. O juiz dos vivos e dos mortos, que dará para cada um segundo os seus feitos, e derramou em nós abundantemente o seu Espírito Santo, o dom e a garantia da imortalidade, que fez os crentes e obedientes em filhos de Deus e co-herdeiros de Cristo: aquele que é revelado e que adoramos um Deus na trindade do seu santo nome."

(*Confissão*, 4)

Com essas afirmações, podemos estabelecer o credo de Patrício a partir dos seguintes pontos: Crença num único Deus; expiação substitutiva de Cristo; dom gratuito do Espírito Santo; doutrina da segurança eterna; os cristãos são co-herdeiros em Cristo; crença na doutrina da trindade; ressurreição de Cristo; crença na *parousia*²; Cristo é o juiz; Cristo é a revelação plena de Deus; Cristo é Deus que se fez homem; Onipotência do filho; três lugares onde o homem pode estar: Céu-Terra-Inferno. Isso seria nossa conclusão. O problema é que acreditamos ser importante acrescentar mais uma informação, turva por sinal, e que levantará novas possibilidades. Trata-se da afirmação de Hanson que sugere que este credo pode não ser próprio de Patrício porque ele não era um cristão individual, um solitário guarda da teologia. Segundo Hanson, o estilo latino deste capítulo 4 da *Confissão* de São Patrício é marcadamente diferente do restante da *Confissão*, não sendo de produção do santo. Ele afirma que, sendo Patrício um cristão da Bretanha e sua confissão destinada a ser lida por bretões, é possível que este credo seja o mesmo da igreja cristã da Bretanha do século V (Hanson, apud: *The Real Saint Patrick*, undated).

Ainda não temos condições de investigar sobre isso e saber se o credo que Patrício apresenta neste capítulo 4 de sua *Confissão* é o mesmo da igreja cristã da Bretanha do século V, nem mesmo Hanson sabe. Por este motivo, ele afirma que “é possível que este credo seja” o mesmo, e não que “este credo é”. Não descartamos esta possibilidade e em vez de terminar este item com uma afirmação, terminamos com mais dúvidas que carecem de melhores investigações: É o credo de Patrício o mesmo da Igreja cristã britânica do Século V? Caso seja, que relação há entre este credo e o credo Nicênico? Perguntas que apresentamos como novos problemas.

A importância de Patrício

Já apresentamos até aqui diferentes versões sobre a vida e a obra de São Patrício. Percebemos que as apropriações da imagem de Patrício atenderam às mais variadas intenções em épocas diversas. Todavia, existe algo que não se pode negar: Patrício tem sua importância na história. Queremos aqui restringir essa importância aos seguintes fatores: Patrício organizou o cristianismo que já existia anteriormente à sua chegada; possibilitou a conversão de vários reis que antes eram pagãos e construiu inúmeros mosteiros em toda a Irlanda. Acreditamos que as exaltações feitas a Patrício passam por essas afirmações.

Os argumentos de Cahil sobre a importância da Irlanda não seriam possíveis se ignorássemos as contribuições de Patrício. Tais argumentos se resumem a explicar que durante o período em que a Europa enfrentou vários problemas e crises devido a várias invasões de povos estrangeiros, a Irlanda salvou da morte grande parte da literatura greco-latina conhecida, preservando assim a civilização ocidental (Cahill, 1995: 12). Não queremos aqui entrar nessa discussão em torno do conceito de civilização e/ou discutir se a Irlanda teve ou não importância. Nossa intenção é refletir sobre a importância que teve Patrício na organização do cristianismo irlandês e é a partir daí que desenvolvemos mais algumas questões.

Ficou caracterizado, neste trabalho, que optamos pela afirmação de que quando Patrício chegou à Irlanda já havia lá cristãos. Isso significa que ele não foi o primeiro a evangelizar pessoas na ilha, mas que levou o cristianismo a novas áreas, contribuiu para novas conversões e para organização das pessoas que já eram convertidas. A construção de mosteiros possibilitou um sistema de escrita e de preservação de textos que obteve grande sucesso. O estudo, a cópia, a tradução e a educação ganharam com isso.

Surgiram novos discípulos e estudiosos. Sabe-se que pelas proximidades do sétimo século até Alfred, rei dos Saxões, foi educado em um mosteiro irlandês. Com o tempo, a Irlanda, lugar escolhido para o estudo, para erudição e interpretação das escrituras sagradas, também ficou conhecida como a “ilha dos Santos”. A maioria desses homens e mulheres, considerados santos, era constituída de missionários, e eles partiram em direção ao continente num processo de evangelização que alcançou várias localidades, tais como: Escócia, Inglaterra, França, Alemanha, Suíça, Itália, Áustria, entre outras. Aqui está uma das principais contribuições de Patrício: a idealização de um sistema monástico colaborador do desenvolvimento do cristianismo irlandês.

Os historiadores do cristianismo costumam reservar pelo menos um capítulo de seus livros para falar das ilhas britânicas e a Irlanda. Geralmente esses capítulos são nomeados como: “O cristianismo do norte”; “A Irlanda celta”; “A evangelização dos povos do Norte”; “A cristianização dos bárbaros”, etc. Alguns exemplos desses livros são: (Brown, 1999; Cahil, 1995; Le Goff, 1995; Hillgarth, 2004.). Ao fazer referência ao cristianismo na Irlanda, mencionam Patrício. Uns o tratam como o introdutor da nova religião irlandesa; outros partilham da mesma opinião que nós, mencionando-o como um dos evangelizadores, mas todos concordam com a imensa importância que teve. Não podemos deixar de ressaltar que um dos fatores que representa essa importância é que todos os nossos conhecimentos sobre a Irlanda medieval do século V são raros e incertos, sendo sua confissão e a sua epístola para os soldados de Coroticus essenciais para nos aproximarmos deste período. Se bem que suas referências à Irlanda são indiretas e vagas (Hanson. 1978: 54).

Com relação à conversão dos irlandeses, destaca-se a habilidade de Patrício na evangelização de grandes grupos. O sistema adotado por ele levava a conversão de reis, estes reis convertidos faziam com que todos de sua linhagem aderissem à nova fé. Assim sendo, concordamos com Hanson na afirmação de que a conversão dos irlandeses, em sua grande maioria, não foi individual, mas por grupos (Hanson, 1978: 40).

O que deve ficar claro é que uma personalidade tão citada como São Patrício, que figura entre os santos da igreja católica, que possui uma festa em sua homenagem, que é padroeiro de um país, que suscitou discussões ao longo de mais de mil anos de cristianismo, que organizou todo um sistema de divulgação da fé cristã em um país estrangeiro, que deixou dois textos essenciais para a compreensão de uma parte da história do ocidente, tem sua importância para a história e para as diversas reflexões sobre o avanço do cristianismo em toda a Europa e por todo o mundo.

Conclusão

Dedicamos este artigo para explicar quem foi São Patrício e discutir algumas questões relacionadas à sua pessoa. Foi importante mostrar que existem referências a Patrício em vários lugares, até mesmo no Brasil. Diversos filmes, livros, imagens e músicas já foram feitos na tentativa de representar sua pessoa. Nesse sentido, foi importante refletir sobre as diversas representações feitas a partir do nome de Patrício, que tinham como referencial o desejo de usar a mística do missionário para atender necessidades políticas e religiosas da Igreja ou de outras instituições. Geralmente essas reflexões se resumem aos anacronismos, mitos e referências a milagres.

Em contrapartida, tentamos construir a imagem de um Patrício histórico, a partir de sua confissão e dos anais irlandeses. Nossa principal dúvida partiu do discurso presente em toda a *Confissão* de São Patrício, no que diz respeito a como ele se vê, que

pode ser assim resumido: “*Sou ignorante e pecador, tudo que fiz e sei é um dom de Deus*”. Como isso era diferente do que apresentavam outras narrativas, vimos a necessidade de uma investigação mais profunda.

Após essas reflexões sobre a vida, a missão evangelizadora e a confissão de Patrício, podemos perceber que ficaram alguns problemas a serem resolvidos. Isso acontece porque é impossível esgotar um tema de tamanha amplitude no espaço de um artigo de menos de 15 páginas. Assim sendo, novas pesquisas se fazem necessárias.

Seria importante uma tradução para o português da carta que Patrício escreveu para os soldados de Coroticus, juntamente com uma profunda investigação sobre esta carta e seu conteúdo. Essas reflexões deveriam juntar-se às que propusemos até aqui, a partir da análise da obra *Confissão* de Patrício, de modo a enfatizar a representação de um Patrício histórico em oposição ao poderoso santo miraculoso dos hagiógrafos medievais.

Seria necessária também uma investigação sobre o processo de “canonização” de Patrício, no oitavo século, que tentasse identificar os fatores que levaram a este reconhecimento por parte da Igreja. Certamente, essas reflexões teriam que passar pelas disputas entre a igreja irlandesa e a igreja romana, na Idade Média, e tentar discutir as aceitações, aproximações e diferenças entre as mesmas. Isso significaria investigar também outras biografias de São Patrício escritas ao longo da história, além de uma apurada investigação sobre as referências e comentários feitos sobre ele nos anais irlandeses.

Seria preciso traduzir *O Purgatório* de São Patrício para o português, pois esta obra é um marco na história da Igreja e do cristianismo no ocidente. Também seria útil um estudo mais amplo sobre a questão dos mitos, das referências aos milagres e dos anacronismos, que são feitos utilizando o nome de Patrício e as representações que envolvem sua pessoa. O credo de Patrício é o mesmo da Igreja cristã britânica do Século V? Caso seja, que relação há entre este credo e o credo Nicênio? São exemplos de perguntas que também necessitam ser investigadas em futuras pesquisas.

Vencidas todas essas dificuldades, embora nós saíamos com várias dúvidas e novos problemas, cremos ter conseguido cumprir o nosso objetivo principal, que foi tentar responder a pergunta: Quem foi São Patrício? Isso não significa dizer que chegamos a um consenso, e sim que apresentamos algumas possibilidades, algumas representações possíveis sobre a pessoa de Patrício e que estas são históricas e não míticas, poéticas ou literárias.

Fontes primárias

JACOPO DE VARAZZE. *Legenda Áurea*. Traduzida por JÚNIOR, Hilário Franco. São Paulo: Companhia Das Letras: 2003.

SAINT PATRICK, *Confession et Lettre a Coroticus*. Traduit par HANSON, R.P.C. Paris: Du Cerf, 1978.

MUIRCHU. *Vita Patricii*. In: Biblioteca dei Classici Italiani <http://www.classicitaliani.it/>. Acessado no dia: 01 de Agosto de 2005.

SANCTUS PATRICIUS. *Tractatus de purgatorio* in: Biblioteca dei Classici Italiani <http://www.classicitaliani.it/>. Acessado no dia: 01 de Agosto de 2005.

Fontes secundárias.

- BUSARELLO, Raulino. *Dicionário Básico Latino-Português*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2003.
- FARIA, Ernesto. *Gramática de língua latina*. Brasília: FAE, 1995.
- SILVA, José Pereira da et al.: *Manual prático de latim medieval*. Rio de Janeiro: CIFEFIL/Dialogarts, 1999.
- STOCK, Leo. *Conjugação dos verbos latinos*. Lisboa: Presença, 2000.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário Latino-Português*. Porto: Gráficos Reunidos, 1942.

Bibliografia

- ANÔNIMO. *Cuentos Populares y Leyendas de Irlanda*. Tradutor: León Miras. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1947.
- BARBIERI, Fabio P. *Saint Patrick in legend and history*. In: History of Britain, 2002. <http://www.geocities.com/vortigernstudies/fabio/contents.htm>
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- BROWN, Peter. *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Presença, 1999.
- CAHILL, Thomas. *Como os irlandeses salvaram a civilização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- CAMPOS, Luciana de. Uma leitura de Tristão e Isolda à luz da crítica feminina. *Brathair* 1 (2), 2001: 11-18. (<http://www.brathair.cjb.net>)
- GILSON, E. *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HANSON, R. P. C. Introduction. In: _____. *Confession et Lettre a Coroticus*. Paris: Du Cerf, 1978.
- _____. *Saint Patrick: his origins and career*. New York: Oxford University Press, 1968.
- HILLGARTH, J. N. *Cristianismo e Paganismo: A conversão da Europa Ocidental*. São Paulo: Masdras, 2004.
- JÚNIOR, Hilário Franco. *A Idade Média – o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- KREIDER, Alan. *Celts and Anabaptists: Wisdom from the Margins for Tomorrow's Church?* Oxford: Regent's Park College, 2000.
- _____. A conversão dos druidas. *História Viva*. São Paulo, 1 (7): 44-45, 2004.
- LANDIS, Dr. L. K. *São Patrício, um batista*. In: www.carmichaelbaptist.org
- LARES, Vítor. A imortalidade da alma: o “outro mundo” Céltico, mito e rito funerário. *Brathair* 4 (2), 2004: 86-96. (<http://www.brathair.cjb.net>)
- LAUNAY, Olivier. *A civilização dos Celtas*. Rio de Janeiro: Otto Pierre editores, 1978.
- LE GOFF, Jacques. *Outros “além” bárbaros na Irlanda*. In: _____. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1993.
- _____. *A civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa, 1995.
- LE ROUX, Françoise & GUYONVARCH, Christian-J. *A civilização Celta*. Lisboa: Europa-América, 1999.
- LUPI, João. Os Druidas. *Brathair* 4 (1), 2004: 70-79. (<http://www.brathair.cjb.net>)
- M. KLINGEN, Anne. *The Influence of St. Patrick on the Brehon Laws of Ireland*. In: <http://home.olemiss.edu/~annek/libsci/PROPOSAL.htm>

- MACDONNELL, Clare. *Who Was St. Patrick?* In: www.catholicHerald.com
- MARKALE, Jean. A Bretanha reata com seus ancestrais. *História Viva*. São Paulo, 1 (7): 46-49, 2004.
- MARQUETTI, Flávia Regina. O Espelho de Dana. *Brathair* 2 (2), 2002: 22-27. (<http://www.brathair.cjb.net>)
- O'NEIL, Peter. *St. Patrick in Brazil*. In: www.visiteirlanda.com
- O'MATHÚNA, Dónal P. *Saint Patrick: His Life and Beliefs at Ashland Theological Seminary*, Ohio: Ashland, 1992.
- POWELL, T.G.E. *Os Celtas*. Lisboa: Verbo, 1965.
- SOUZA, José Antônio & BARBOSA, João Morais. *O reino de Deus e o reino dos homens*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- The Real Saint Patrick*. In: <http://www.cprf.co.uk/articles/stpatrick.htm>
- TÔRRES, Moisés. O Desenvolvimento da Cultura Letrada nas Ilhas do Norte e sua Influência no Mundo Carolíngio (séculos VI ao X). *Brathair* 1 (1), 2001: 59-74. (<http://www.brathair.cjb.net>)

Notas

¹ Homilias são textos que usam vidas de santos como exemplos, sejam para encorajar, repreender, congratular ou dizer aos fiéis o caminho certo a seguir. *A Legenda Áurea* é um conjunto dessas homilias e retrata a vida de vários santos, um de seus capítulos expõe a vida de São Patrício.

² Os cristãos acreditam que Jesus voltará ao mundo uma vez mais para conduzir os eventos escatológicos relacionados o juízo final que são mencionados no *Livro do Apocalipse*. O conceito teológico para esse fenômeno é a palavra grega *parousia*.